

A AFETIVIDADE COMO POTENCIALIZADORA DA APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE SOBRAL

Antônio Hilley Xavier Oliveira ¹

Vagna Leila de Souza ²

Maria Elivânia Ximenes Pereira ³

Antônia Amanda Araújo Dias ⁴

Israel Rocha Brandão ⁵

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal identificar como a afetividade potencializa a aprendizagem no processo de inclusão na educação infantil nos centros de educação infantil do município de Sobral (CE). A escolha da temática ocorreu pela necessidade de se conhecer como está sendo trabalhado a inclusão a partir das séries iniciais, haja vista que esta tem que ser priorizada ainda na primeira infância. Assim, a pesquisa foi realizada em uma abordagem qualitativa, sendo do tipo descritivo-exploratória. Como instrumento de coletas de dados foi utilizado o questionário que foi aplicado em professores dos referidos centros. Os resultados encontrados foram analisados no método da Análise Cateórica de Bardin e, através destes, percebeu-se o avanço que a educação inclusiva teve nos últimos anos, como também o quanto a afetividade é importante no processo de inclusão e formação dos cidadãos.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade, aprendizagem, inclusão social, educação infantil.

1-INTRODUÇÃO

A escolha da temática deste trabalho se justificou pelo interesse em compreender a relação que a afetividade estabelece com o processo de inclusão que deve se fazer presente nos espaços escolares. Assim, a importância deste estudo se confirma quando se consideram as crescentes políticas públicas educacionais de inclusão, visto que a escola é o ambiente fundamental para a formação do educando.

Significa dizer que não é mais possível se enxergar a escola apenas como transmissora de conhecimentos, pois, enquanto espaço mediador, ela deve ser também um local onde os discentes se sintam bem e possam receber atenção, respeito e afeto, de modo a se sentirem verdadeiramente incluídos.

Este campo de atuação de educador afetivo e inclusivo na teoria apresenta diversos avanços, mas ainda está longe de suprir as necessidades reais de nossa realidade. Assim é que

¹Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, hilleyxavier21@hotmail.com;

²Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, vagnagg@hotmail.com;

³Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, elivaniaximenes15@hotmail.com;

⁴Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, amandaz1234567@email.com;

⁵ Professor orientador: Doutor em Psicologia (PUCSP), Professor do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, israel.rocha.brandao@gmail.com.

ao longo dos anos diversos autores vêm se preocupando com a temática da inclusão social, mediando, assim, o processo de evolução e progresso construído através dessa luta.

Em que pese o crescente reconhecimento da importância de uma educação inclusiva e afetiva percebe-se que este modelo está longe de se configurar como uma proposta educacional que seja amplamente difundida e compartilhada entre a maioria dos professores em atuação.

Diante disso esta pesquisa teve como objetivo geral: compreender a relação que a afetividade estabelece com o processo de ensino-aprendizagem e inclusão nas escolas públicas do município de Sobral. De modo complementar, assumiu, como objetivos específicos: compreender a concepção da afetividade e seu vínculo para o processo de inclusão dessas escolas, como também refletir como ocorre esse processo, bem como discutir a relação da afetividade e aprendizagem nas práticas pedagógicas.

2-METODOLOGIA

Para a realização dos objetivos expostos acima é que a presente pesquisa foi realizada em uma abordagem qualitativa, pois entende-se que:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. (GERHARDT et al, 2009, p. 12)

Trata-se de um trabalho de cunho descritivo e exploratório, pois, como muito bem afirma Gil (2007, p. 18): “este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Além disso, a pesquisa descritiva “exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade”. O cenário de realização da pesquisa, que aconteceu no período de dezembro de 2018 a maio de 2019, foram os centros de educação infantil do município de Sobral (CE), sendo que assumiram a condição de sujeitos os professores e alunos destes estabelecimentos.

Foi utilizado como instrumento de coleta de dados o questionário, com roteiro previamente elaborado, pois segundo Gerhardt & Silveira (2009, p. 69) este tipo de ferramenta é “constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador; objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas”.

Os dados foram considerados e interpretados de acordo com a Análise Categorical, proposta por Bardin (2009) e, em todo o processo, foram considerados os aspectos éticos da pesquisa, conforme exige a Resolução 510/ 2016 do Conselho Nacional da Saúde, que refirma os princípios da Bioética e os devidos procedimentos que garantam a não maleficência dos participantes da pesquisa. (BRASIL, 2016).

3-DESENVOLVIMENTO

3.1 A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE INCLUSÃO

Todo ser humano tem direito à educação, e a escola como espaço de convivência deve estar preparada para abranger a diversidade. Assim é que as instituições escolares precisam garantir aprendizado a todos, recebendo os educandos com profissionalismo e cuidado, uma vez que:

A escola contemporânea assume o papel de adequar seu currículo e seu método para instruir e educar, compreendendo a singularidade de cada ser, promovendo a inclusão daqueles que perante a história da sociedade estavam excluídos por não haver o olhar de que estes também são capazes de aprender e conviver socialmente. Para tanto, basta dar-lhes a oportunidade e meios de acessibilidade em um mundo que não foi pensado para as deficiências (ROCHA & CRUZ, s/d, p. 1083)

No nosso cotidiano um dos grandes desafios é saber conviver com as diferenças e o melhor espaço para se trabalhar isso é a escola, pois é um lugar próprio para construção de uma nova visão de mundo, um recinto de conhecimento, de formação de pessoas afetivas, sendo a inclusão um direito de todos.

O termo inclusão é o ato de acrescentar, um ato de igualdade entre os diferentes indivíduos. E a afetividade torna-se uma ferramenta preponderante nesse processo, pois é capaz de romper barreiras, de proporcionar ao aluno o respeito, afeto e bem-estar. O estudante com deficiência, sentindo-se acolhido, consegue obter autonomia, melhora a autoestima e tem mais interesse em aprender. A afetividade deve ser vista como um elo entre educador e educando, quando estes se envolvem afetivamente e emocionalmente, tanto o ensino quanto o aprendizado ocorrem de forma prazerosa.

Portanto podemos perceber que a afetividade é um dos elementos necessários, sendo uma via para a implementação da educação inclusiva, mas não é a única, precisa haver mudanças nas políticas públicas, repensar numa escola de qualidade, onde não transmita apenas conhecimento, mas que valorizem as diferenças, e que forme pessoas humanas e éticas.

3.2 AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELA ESCOLA NO PROCESSO DE INCLUSÃO

Antes de tudo é importante reconhecer que as dificuldades surgem de acordo com a necessidade de cada aluno. É bastante comum, relatos de experiências de professores diante das dificuldades encontradas para conseguir a atenção do aluno no ambiente escolar, principalmente nas escolas de período regular, que devem por lei manter o aluno em sala de aula, seja qual for sua especialidade.

Um dos aspectos bastante citados é a falta de estrutura física , melhor dizendo , a falta de um ambiente adequado e a ausência de utensílios e instrumentos próprios para a necessidade de cada aluno .Um fator relevante para o desenvolvimento do aluno especial , é o tempo que ele passa no ambiente escolar juntamente com a relação que ele tem com o professor e o corpo docente da escola, pois estes devem reconhecer que o aluno dessa categoria passa primeiramente por um processo de adaptação, seguido da rejeição e /ou aceitação por parte da sociedade civil ou mesmo de origem familiar .

Outro fator de relevância é a formação do professor, que na maioria das vezes são quase que totalmente alheios aos conhecimentos básicos necessários a prática docente da educação especial. O professor tende a mesclar as atividades do ensino da turma regular com atividades diferenciadas para os alunos especiais, redobrando assim a atenção para com os mesmos. Essa atividade requer do professor, controle, preparação, habilidade e organização de tempo e espaço para que consiga seguir o plano de aula e garantir que nenhum dos alunos se prejudiquem:

Para ser capaz de organizar situações de ensino e gestar o espaço e tempo da sala com o intuito de que todos os alunos possam ter acesso a todas as oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela instituição escolar, este professor deve ter consciência de que o ensino tradicional deverá ser substituído por uma pedagogia de atenção à diversidade. (FIGUEIREDO ,2002, p. 56)

A família também desempenha um papel significativamente importante e fundamental no desenvolvimento da criança especial, levando em consideração que a relação entre os pais e a escola variam de acordo com a idade do aluno, como afirmam Coll, et al (2016, p.341).

É comum alguns pais se apresentarem preocupados com a atenção que seu filho vai precisar receber, preocupar-se com as diversas formas de preconceitos que possam surgir por partes dos colegas de classe ou até mesmo dos adultos. Porém também há casos em que as famílias são alheias a toda essas possibilidades, dificultando o trabalho dos professores e gestores da escola, que vão precisar exercer o papel de pais também dessas crianças:

A Família e a escola educam a criança compartilhando o interesse comum de fazer-lhe bem e de ajuda-la ao máximo, mas para uns trata –se de seu filho e para outros

de um aluno. Isso supõe que suas perspectivas, suas expectativas e seus interesses sejam diferentes. Uma verdadeira colaboração à nível de igualdade passa pelo respeito mútuo e supõe um certo nível de confiança. Os pais devem confiar no profissionalismo dos professores, não de forma cega e absoluta, e sim mediante a informação periódica, a comparação de ponto de vista e o diálogo em torno de temas que os preocupem. Os professores devem respeitar o fato de que há muitas formas de ser pais, muitos estilos que podem ser válidos para a criança, ainda que não coincidam com seu ideal de como se deve ser a família. Também devem evitar colocar-se em um plano superior, sempre dirigir a relação ou pretender que os pais se convertam em professores de seus filhos. (COLL et al, 2016, p. 343)

Finalmente, outro fator considerável é o meio social de onde vem o aluno, a condição financeira e estrutura familiar que de cada um que deve ser tratada e respeitada particularmente, entendendo os pontos de vista, realidade e necessidade de cada criança.

4-RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 CONCEITUAÇÃO E AFETIVIDADE PARA OS PROFESSORES

Os professores em sua maioria acreditam na afetividade como a capacidade de afetar o outro. Onde eles seguiram uma mesma linha de raciocínio em relação a concepção de afetividade, mas havendo diferenças em seus depoimentos.

A afetividade segundo os docentes é vista de quatro maneiras. Os professores 2 e 5 concordam quando afirmam que esse afetar o outro é uma forma positiva de demonstrar sentimentos bons. No entanto o professor 3 considera que o ser humano também pode ser afetado de uma forma negativa, pois, como descreveu ele:

A afetividade não é só carinho, é o modo como afeta positivamente ou negativamente as pessoas. Ter empatia, ou seja, capacidade das pessoas e se identificar com os outros compreendendo seu modo de ser (Professor 3)

Sendo ela então, fundamental para as relações interpessoais, pois através dela é possível criar laços que aproximam as pessoas, como citou o professor 4: “A afetividade são laços criados nas formas de sentimentos por pessoas próximas”.

Ela também é capaz de potencializar o ser humano, fazendo com eles experimente ações afetivas e demonstre sentimentos a outros seres. Em vista disso, a afetividade é capaz de humanizar as pessoas, de modo que elas saibam se colocar no lugar do outro, criando laços e estando apto a experimentar e demonstrar afetos.

4.2 RELAÇÃO AFETIVIDADE – APRENDIZAGEM

Na primeira categoria o professor 1 fala sobre a boa relação que deve ser construída entre o docente e o discente, possibilitando a construção da afetividade e aprendizagem, de modo gratificante:

Quando o professor apresenta uma boa relação com o aluno, o processo de ensino e aprendizagem se constrói de modo mais gratificante. O ser humano é feito de sentimentos e não devem ser negligenciados. (Professor 1)

Já a professora 2 fala sobre a importância do estimo em sala de aula, e como essa ferramenta pode ajudar muito na relação de confiança e despertar a admiração entre ambas as partes. A professora 3 refere-se como uma boa relação, de afetividade os professores que estimulam mais a participação dos alunos, onde a interação com os outros aumenta a autonomia do discente.

Na opinião da professora 4 relata a influência vindo do professor, ajuda muito no desenvolvimento da discente, onde essa influencia, sejam para acrescentar algo que estimulem. Quando não existe afetividade os afetos se rompem em sala de aula entre docente e discente, possibilitando assim um baixo índice de aprendizado:

As relações que são estabelecidas na aprendizagem e afetividade, o aluno se sente aceito e bem recebido em um determinado grupo e pelo o próprio professor, por exemplo o discente consegue se sentir à vontade e o professor utilizar isso para que ele otimize isso a participação do aluno na aula, fazendo com que os mesmos atinjam os objetivos (Professora 4)

Nesse sentido podemos observar que as opiniões são bem relevantes sobre a afetividade no âmbito escolar é fundamental para o desenvolvimento do ser humano. Pois, as respostas não eram muito diferentes não. Todas as respostas com o mesmo sentido, de que a afetividade é uma junção da Educação e elas andam juntas. O levantamento da pesquisa foi baseado em Vygotsky (1998) pois, o mesmo acreditava que a afetividade é um como instrumento de transformação social e depositando nele confiança, atribuímos uma expressão de afeto, pois a partir do momento que o aluno passa acreditar na sua importância no processo de construção do conhecimento, a afetividade e razão assumem um encontro de grande relevância no desenvolvimento social do indivíduo

4.3 CONCEITUAÇÃO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA.

Nesta seção abordaremos a visão dos professores acerca da educação inclusiva. Estes acreditam de forma geral que a educação inclusiva é de extrema importância para que possamos ter uma educação que atenda as diversas particularidades dos educandos que frequentam diariamente as salas de aulas comuns, no nosso sistema regular de ensino. Assim para que possam promover o desenvolvimento e a aprendizagem pessoal, a escola e os professores devem ver a inclusão como um inibidor e agente potencializador da exclusão haja vista que:

[...] o leque da exclusão social é tão grande quanto são os mecanismos de imposição de padrões de normalidade aos quais a humanidade esteve submetida

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

historicamente, que preconizam modelos estéticos, de inteligência, de linguagem, de condição econômica e cultural, com que devemos nos conformar, sob o risco de engrossarmos as fileiras dos excluídos socialmente (MATISKEI, 2004, p. 187)

Deste modo ao analisarmos as falas e as conceituações dos professores percebemos que os professores 1 e 3 acreditam na educação inclusiva como a responsável por fazer a inserção das pessoas com quaisquer impasses que as deixaram na margem da sociedade e essa também só é possível através da promoção de estratégias que bem fundamentadas acabaram com estas lacunas ainda pertinentes em nossa sociedade. Onde estas estratégias devem atender antes de tudo as diversas particularidades destes sujeitos que vão desde a acessibilidade a emocionais. Assim a fala destes mostra que os artifícios da inclusão são:

A capacidade de promover estratégias inclusivas para o envolvimento da criança com a sua turma de ensino e a comunidade em geral. E este se sinta ingressado no grupo como um todo. E que essas práticas responda a diversidade dos alunos, atendendo as necessidades emocionais acadêmicas e sociais que se manifestam na escola. (Professor 1).

Procedendo na identificação da visão dos professores, atentamos que para os discentes 2 e 4 a educação inclusiva parte da ação afetiva e metodológica do professor onde estes a veem no fato de ser afetuoso com os educandos e aceitá-los com todas as suas especificidades e o educador procurar atender as heterogeneidades dos alunos e fazê-los se sentirem incorporados integralmente as suas teias de comunicação e socialização. Assim vemos que:

Educação Inclusiva é ir para a sala de aula e receber todas as crianças com o mesmo amor. Ensinar as crianças a olhar para as outras crianças com afeto e respeito. Fazendo com que as pessoas que não se enquadram em padrões pré-determinados, possam se inserir na sociedade e está aceitando elas e suas particularidades e diversidade sem discrimina-los. (Professor 2).

Estendendo ainda nas análises das visões de educação inclusiva temos o professor 5, para o qual a inclusão implica em inserir os alunos com necessidades educacionais em todos os espaços da escola e este não estar a frequenta-la apenas por força da lei, mas também que este se sinta parte da comunidade escolar e se desenvolva neste espaço possa se sentir progredindo educacionalmente e socialmente. Assim citamos a fala deste:

É a educação que valoriza a inserção de alunos com necessidades educacionais em qualquer espaço escolar e este possa progredir na sua educação como um todo, e este também se sinta como um ser aceito no seu grupo. (Professor 5).

Percebe-se, então, que estes ainda precisam aprofundar mais seus conhecimentos de educação inclusiva para que assim possam também poder diversificar suas pratica metodologias no ensino de inclusão e mudar a visão de inclusão apenas como assistencialismo e passar a ver esta como pratica fundamental para uma nova sociedade que combata os segregacionismos e qualquer outra forma de exclusão de nossos iguais para assim termos uma sociedade livre da Barbárie.

4.4 RELEVÂNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Através das ideias coletadas neste estudo, foi possível observar as tantas percepções dos profissionais docentes, quando tratamos do tema relação professor–aluno e sua importância no processo de inclusão escolar. Nos depoimentos cada professor explicou ao seu modo, as experiências e intervenções vividas em sala de aula e suas particularidades. Sabe-se também, a relevância dos aspectos positivos apresentados por cada um deles, que evidenciam a concordância de que a afetividade nas instituições de ensino é o método mais eficaz e mediador na acolhida e permanência daqueles considerados excepcionais.

Ao conversarmos de maneira individual com um grupo de cinco professores, notamos que um deles apresentou uma postura didática voltada para a afetividade como expressão de sentimentos potencializadores, dando ênfase aos laços afetivos na relação professor – aluno, como forma de intensificar o ensino. - Aprendizagem, assim explicou ele:

É de extrema relevância a relação que estes dois sujeitos estabelecem. Quando o aluno não se sente à vontade com o professor não tem como ele se sentir incluso (Professor 4).

Contemplamos, portanto, nesse caso que a permanência desse aluno na escola é vista como resultado de uma metodologia ligada ao acolhimento mais proximal, uma relação de afeição, cuidado e atenção. Em outra ocasião encontramos o professor de número 3, que veio complementar os princípios dessa relação, com uma ideia bem parecida do que citou o professor de número 4, porém, distinta, quando consideramos a individualidade de cada sujeito, no caso o aluno. O professor de número 3, explicou que a existência de uma relação de confiança entre ambas as partes é a base de tudo, e que o professor necessita primeiramente estabelecer essa conexão, construindo valores acima das limitações, para posteriormente realizar a adequada ação pedagógica em prol desse atendimento, e assim ele fundamentou seu pensamento com a seguinte fala:

Como acabei de falar onde se constrói uma relação de confiança o aprendizado é satisfatório. No caso do aluno especial, o papel do professor é crucial na inclusão desse aluno. Quando estabelecemos uma relação de confiança com nossos alunos passamos a compreendê-los melhor e essa aproximação irá de certa forma despertar no aluno certa admiração, tornando-o mais interessado e tornando – o a ter mais atenção, apego pela escola e conseqüentemente aprendizado (Professor 3).

Tivemos também a opinião de outros dois educadores (Professor 5 e Professor 2), que falaram da inclusão como consequência da ação de um professor mediador, cujo papel é intervir entre as partes (entre o aluno especial e a escola regular) com o uso de estratégias

inclusivas e intervenções adequadas. Ambos explicaram através dos seus relatos a importância da ação docente nesse processo de inclusão, conforme citou o Professor 5:

O professor será mediador capaz de transformar as limitações e dificuldades desse aluno construindo aquele novo ambiente em instrumento acolhedor, onde ele possa se sentir em casa, criando assim ponte para a aprendizagem.

O Professor 3 em consonância emparelhou: “Sim, o professor é o que está mais presente na vida do aluno como educando, capaz de promover estratégias inclusivas que envolvam a criança em sala de aula, utilizando atividade extras, lúdicas”.

E por fim, apresentamos ainda a reflexão do professor 1, que expressou como questão principal o dinamismo em sala de aula, o que ele chamou de condição essencial do processo de ensino aprendizagem. Segundo ele uma didática voltada a dinâmica e inovação, são fatores que dão sentido ao processo educativo.

O fato relevante em todo esse contexto, é entendermos os elementos potencializadores dessa parceria: professor, aluno, escola e inclusão. Diante do que nos foi apresentado, é possível termos a ciência de que o sucesso dessa relação professor – aluno se constituiu através do conjunto de todos os princípios ilustrados nesse estudo, ou seja, desde a relação de confiança e construção de valores através de ações mediadoras e dinamistas, até o fortalecimento das expressões de sentimento e interesse pela aprendizagem e permanência na escola. Em outras palavras, alguns autores nos ajudam a entender essa fantástica parceria, como descrito em González (2002, p. 200):

O ensino é inclusivo não por aceitar as crianças com limitações, mas por criar um espaço subjetivo e social que permita as crianças diferentes se encontrarem capazes de compartilhar as suas atividades. No desenvolvimento desse processo, a força, vitalidade e criatividade do professor são aspectos importantes.

Deste modo não podemos esquecer que embora todos os profissionais da escola estejam interligações e envolvidos nessa missão, o professor tem em suas mãos o potencial para transformar essa prática e mudar as bases dessa história.

4.5 CONTRIBUIÇÕES DO PROFESSOR PARA A INCLUSÃO NA ESCOLA

O professor é peça fundamental no processo de inclusão dos alunos, ele deve ter autonomia e dinamismo diante das adversidades que possam surgir em sala de aula, porém, encara-se a inclusão como um desafio da aprendizagem escolar, quando se reconhece que o ensino especial não substitui o ensino regular, mas sim, ser complemento de todos os níveis escolares.

Com base nisso, e seguindo as respostas dos questionários, observa-se, que como a maioria das escolas, os professores 2, 3 e 5 acreditam que a melhor e mais eficaz forma de

interação dos alunos com necessidades especiais de aprendizagem, é estimular a participação ativa dos educandos, por meio de atividades lúdicas recreativas que atraiam a atenção dos alunos.

É importante também reconhecer que existem diversos tipos de necessidades, que são resolvidas quando se estimulando a fala, interação com o grupo na tentativa de estimular o as ações visando os resultados para as dificuldades de aprendizagem desses alunos. Por outro lado, os professores 1 e 4, além de defenderem a participação ativa dos alunos, preocupam-se também com a questão da discriminação, intervindo de maneira discreta em toda e qualquer forma de preconceito que possam vir surgir no ambiente escolar, e buscam manter a igualdade em sala de aula, nas atividades interativas, nas atividades avaliativas.

Contudo, apesar das dificuldades encontradas cotidianamente as escolas de educação especial, e os incentivos à inclusão vem se expandindo e metodologias vem se aprimorando, que contribuem para a aceitação e uma maneira diferente de ver a deficiência numa perspectiva educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática abordada ao longo desse estudo nos permitiu conhecer como a afetividade potencializa a relação: ensino, aprendizagem e inclusão na educação infantil, fase importante no desenvolvimento e formação social dos indivíduos. Foi possível observar as diferentes particularidades de cada ambiente escolar e o empenho diário dos docentes em defesa do convívio social e oportunidades para os alunos com deficiência.

Compreendemos que essa questão social é um desafio muito grande para as escolas contemporâneas que buscam adequar seu currículo e seu método para instruir e educar, respeitando a singularidade de cada ser, de modo a atender com presteza e dedicação o público existente. Outro fato relevante que também deve ser citado trata da visão afetiva dos profissionais docentes que apesar das dificuldades encontradas nos ambientes escolares, já praticam no dia a dia, metodologias ativas capazes de promover a inclusão daqueles que diante da sociedade estavam excluídos pela falta de compreensão de que eles também são capazes de aprender e conviver socialmente. Sabemos que é uma luta incansável e que mesmo diante dos avanços ainda precisamos evoluir.

Nos dados coletados, concluímos que os professores na sua maioria acreditam na afetividade como a capacidade de afetar o outro positivamente, fortalecendo os laços de sentimentos numa percepção voltada para a construção de valores, estabelecendo assim uma relação de confiança, princípios básicos para a formação de seres humanos de boa índole,

capazes de conviver e aceitar as indiferenças sociais. Essa cultura otimiza o ensino em sala de aula, uma vez que um ambiente harmonioso é essencial na socialização dos seres.

Os docentes também foram coerentes em seus relatos, ao explicar que a relação professor-aluno é um aspecto importante no alcance de novos patamares. A força, vitalidade e criatividade do professor nessa relação permitem que as crianças “diferentes” se encontrem capazes de compartilhar atividades, se sentir amadas e respeitadas. Esse papel de professor mediador se justifica através de estratégias metodológicas dinamizadas e intervenções voltadas ao acolhimento e permanência desses alunos na escola.

Os exemplos observados nas visitas realizadas foram: atividades lúdicas, atividades de grupo para integração, jogos de coordenação motora, canções relaxantes, pinturas, exploração de ambientes externos a sala de aula, contato com a natureza, brinquedoteca, etc. Outro ponto constatado nessas instituições de ensino e que com certeza contribui no processo de inclusão, é a dedicação de todos os profissionais da escola, desde a portaria até o corpo técnico, todos apresentam o mesmo afeto, atenção e cuidado com essas crianças. É um trabalho de parceria que envolve toda a escola tornando o ambiente afável.

Para garantir o sucesso dessa “prática educativa dos afetos” voltada a inclusão, o que poderíamos sugerir para melhorar ou pelos mantém esse padrão já alcançado de desenvolvimento, seriam mais investimento nas escolas e centros de Educação, investimentos em ambientes físicos capazes de atender as diversidades, investimentos em qualificação dos diversos profissionais envolvidos no processo e até mesmo capacitações e rodas de conversas para a família.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Tradução de Luís A. Reto e Augusto Pinheiro. 5ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento Psicológico e Educação--Vol. 3: Transtornos de Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais**. Penso Editora, 2016.

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <Disponível em: <http://bit.ly/2fmmKeD> >. Acesso em: 20 jun. 2016.

FIGUEIREDO, Rita Vieira. Políticas de inclusão: escola gestão da aprendizagem na diversidade. In: ROSA, Dalva E. Gonçalves & SOUZA, Vanilton C. Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GIL, Antonio Carlos. Como encaminhar uma pesquisa. **Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, p. 18, 2007.

GONZÁLEZ, José Antônio Torres. Educação e diversidade: bases didáticas e organizativas. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2002.

MATISKEI, A. C. R. M. Políticas públicas de inclusão educacional: desafios e perspectivas. *Educar em Revista*. Curitiba, PR: Ed. UFPR, n. 23, p. 185-202, 2004.

ROCHA, Scheilla Conceição; CRUZ, Cândida Luisa Pinto. Afetividade no contexto escolar inclusivo. Disponível em: <http://editora.pucrs.br/anais/i-seminario-luso-brasileiro-de-educacao-inclusiva/assets/artigos/eixo-10/completo-2.pdf>. Acesso em 21 de março de 2019.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998